

## A PRESENÇA DA AUSÊNCIA: A SUBALTERNIDADE NA DRAMATURGIA (BEM) DITA DE PLÍNIO MARCOS

**Wagner Corsino Enedino, Vanessa Hagemeyer Burgo** (*Universidade Estadual Paulista  
Júlio de Mesquita Filho*)

**Resumo.** *Baseando-se nas contribuições de Renata Pallottini (1989), Patrice Pavis (1999), Jean-Pierre Ryngaert (1996), Anne Ubersfeld (2005) acerca das noções que configuram o discurso teatral; nos pressupostos teóricos de Ronaldo Lima Lins (1990) e Jaime Ginzburg (2012) no que tange à violência, bem como na epistemologia de Gayatri Spivak (2010) e John Beverley (2004), quanto aos estudos da subalternidade, o objetivo desta pesquisa foi analisar a peça Quando as máquinas param (2006) a partir da configuração das personagens dentro das situações-limite que enfrentam no espaço diegético de Plínio Marcos. Pode-se destacar que a obra aborda uma guerrilha ideológica entre os gêneros feminino e masculino; discorrendo (sem véu de alegoria) sobre a relação dicotômica opressor/oprimido, não só no contexto familiar (microcosmo), mas também no social (macrocosmo). Assim, é pertinente e possível interpretar os contornos identitários, bem como a influência que o meio exerce sobre as ações das personas na trama pliniana, destacando, sobretudo, os estigmas sociais. Convém ressaltar que a realidade representada na peça se torna quase documental, uma espécie de afunilamento abissal, uma tragédia que faz despontar personagens cujos comportamentos e cujo discurso projetam uma realidade social, deslocando os valores sobre os quais repousavam nossas experiências naturalistas e realistas. Dessa forma, fica patente a intencionalidade (na esteira de Beaugrande e Dressler - 1983) de Plínio Marcos em fazer do texto dramático um espaço em que se manifestam as múltiplas faces e vozes da violência; trazendo o leitor/espectador para uma reflexão sobre o status quo da sociedade subalterna brasileira.*

**Palavras Chave.** *Plínio Marcos. Personagens. Subalternidade.*